

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE, MARIA CRISTINA CARRINGTON (edd.), *Do manuscrito ao livro impresso I*, Aveiro / Coimbra, Universidade de Aveiro / Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. 339 pp. ISBN 978-972-789-560-1 (UA) / 978-989-26-17110-74 (IUC)

Quando, no que diz respeito ao território português, é ainda reduzido o volume de estudos e o número de autores que se dedicam à história do livro e da edição, e de que fazem parte, entre outros, os coordenadores da obra, António Manuel Lopes Andrade e Maria Cristina Carrington, e distintos investigadores como Artur Anselmo, Hervé Baudry, João Luís Lisboa, José Cardoso Bernardes, Júlio Manuel Rodrigues Costa, Maria da Graça Pericão, Maria Teresa Payan Martins e Pedro de Azevedo, alguns dos quais participam neste projeto, quer como membros da Comissão Científica, quer como autores, *Do manuscrito ao livro impresso I* é uma obra relevante para o enriquecimento do campo de estudos. Lembremos, também, outros autores da história do livro, como Aires A. Nascimento, Aurélia Ionel (*A Livraria do Convento da Arrábida*, 2020), Diogo Ramada Curto, Fernanda Maria Guedes de Campos, Henrique Leitão, Jorge Fonseca, Jorge M. Martins, Jorge Peixoto, José Afonso Furtado, José V. de Pina Martins, Paulo Barata e Paulo Farmhouse Alberto, reconhecendo, porém, que a lista poderia ser mais extensa para a história do livro e da edição, que se confunde, por vezes, com a história das bibliotecas e é distinta da história da leitura.

Do manuscrito ao livro impresso I reúne, numa compilação de nove estudos, as intervenções de professores e bibliotecários, no âmbito das primeiras edições do ciclo de conferências sob o título *Do manuscrito ao livro impresso*, que tiveram lugar na Universidade de Aveiro, no anos letivos de 2015/2016 e 2016/2017, promovidas pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, no âmbito da Licenciatura em Línguas e Estudos Editoriais e do Mestrado em Estudos Editoriais, projeto que teve continuidade e do qual se esperam mais resultados. Nem todas as conferências se materializaram em texto, como sempre acontece, resultando este projeto, como os demais, na apresentação dos resultados possíveis.

Em jeito de apresentação do livro, surge o texto “o passado e o futuro do livro”, de José Augusto Cardoso Bernardes (pp. 7-12), que, perante a incerteza do futuro do livro e a certeza do valor patrimonial do seu passado, sublinha a vitalidade do livro impresso, que “continua a ter um lugar decisivo no universo da informação” (p. 9), e o interesse atual da história do livro. Na continuidade do texto anterior, em “Do manuscrito ao livro impresso: um projeto que se tornou livro”, António Manuel Lopes Andrade e Maria Cristina Carrington apresentam o projeto “com o objetivo principal de promover a investigação e a divulgação científica na área da história do livro e da edição”, desde a antiguidade até à atualidade (p. 13).

O primeiro estudo, “O advento da tipografia e a nova circulação da informação”, de Maria da Graça Pericão, debruça-se sobre a invenção da imprensa e o seu impacto na circulação da informação, com maior rapidez e disseminação a menor custo, respondendo à necessidade crescente dos textos por parte de estudantes e professores, mas também dos especialistas de cada área do conhecimento. Imprensa que teve um papel igualmente relevante na preservação da informação, bem como, a título de exemplo, na forma e nos modelos de apresentação dos documentos jurídicos.

António Manuel Lopes Andrade traz-nos um estudo de caso, as “Venturas e desventuras de João Fernandes, livreiro de Lisboa, em meados de Quinhentos”, nascido em Alvito. Um cristão novo, como outros livreiros da capital, instalado na Rua Nova dos Mercadores, que financiou a segunda edição do tratado de aritmética de Gaspar Nicolás, impresso por Germão Galharde (p. 49), processado por práticas de judaísmo e preso, em 1543, pelo Santo Ofício de Lisboa. Depois de liberto, fugiu de Lisboa, rumo a Antuérpia e daí para Ferrara, onde ostentara o seu nome hebraico Samuel Picho.

O bibliófilo e alfarrabista Pedro de Azevedo debruça-se sobre “O primeiro livro impresso no Brasil: censo e validação dos exemplares conhecidos: *a case study*”, isto é,

o opúsculo *Relação da entrada que fez [...] D. Fr. António do Desterro Malheyro, bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste prezente anno de 1747...*, por Luiz Antonio Rozado da Cunha (Rio de Janeiro, Na Segunda Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1747). O estudo inclui um censo dos exemplares conhecidos, bem como uma peritagem sobre um exemplar, em virtude das suspeitas da proveniência e das características tipográficas. Quando comparado com o exemplar existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, “o papel não apresentava as mesmas marcas de água e a estrutura dos cadernos era diferente”, tendo sido possível concluir que o exemplar foi estampado modernamente em papel de época (p. 101), ou seja, que é uma contrafação.

Ana Margarida Ramos brinda-nos com “Cem anos de livros para crianças em Portugal: Olhares sobre o mar na literatura infantil”, oferecendo-nos uma apresentação diacrónica de livros infantis sobre a temática do mar ao longo de um século. Nesta viagem, a autora percebe a crescente dimensão estético-lúdica na literatura infantil em desfavor da dimensão de educação e formação das crianças e jovens (pp. 140-141).

Quase no lado oposto, em termos de destinatários do livro, Júlio Manuel Rodrigues Costa estuda o “Livro científico nas coleções da BPMP: Ciências exatas, séculos XVI e XVII”, com destaque para a matemática, a astrologia / astronomia, a náutica e a navegação, a arquitetura e a ciência militar, instrumentação e engenhos mecânicos. Neste particular, é mais um contributo quer para a história do livro, quer para a história da ciência (e do ensino da ciência) em Portugal e na Europa, que passa pelos acervos de importantes bibliotecas ditas patrimoniais, bem como pelas *livrarias* monásticas e conventuais, de que a Biblioteca Pública Municipal do Porto é herdeira de inúmeros acervos, objeto de incorporação mormente na década de 30 do século XIX, em virtude da extinção das ordens religiosas. É um estudo exemplar do papel mediador do Bibliotecário, enquanto profissional da informação. Incluem-se aqui os livros proibidos, pelo seu conteúdo, pelos seus autores, quando não pelos seus tradutores, objeto de censura.

Alexandra Santos aborda a “oralidade, escrita e livro no mundo antigo”, isto é, na antiga Mesopotâmia e no Egito, assim como no mundo greco-romano. Neste contexto, a autora integra o aparecimento do comércio de livros, situando-o na segunda metade do século V a. C., e os materiais de suporte da escrita e os formatos, na lenta evolução do rolo ao códex, adquirindo este preponderância em torno do século IV, dadas as inúmeras vantagens, de que são *exempla* a portabilidade e a recuperação da informação. E inclui, ainda, os editores romanos, sendo Ático, o amigo de Cícero, o primeiro conhecido, mas também os irmãos Sósios, e Trífon. O texto termina com a referência às “livrarias” em Atenas e em Roma.

Hervé Baudry, por seu turno, analisa “As problemáticas do livro médico em Portugal nos séculos XVI e XVII: com a bibliografia das obras médicas impressas em Portugal (1496-1598)”, na tentativa de elaboração de um inventário bibliográfico atualizado, procurando analisar os seus conteúdos e usos (nos hospitais, nas comunidades religiosas e nos colégios), não descurando o seu mercado na época, bem como as instruções dos censores portugueses face aos mesmos.

De seguida, João Rui Pita e Victoria Bell continuam no âmbito do livro científico em “Da *Pharmacopeia Lusitana* à *Farmacopeia Portuguesa*: uma viagem pela história do livro farmacêutico (sécs. XVIII-XXI), e, através do livro, pela história das farmacopeias portuguesas (matérias-primas e fórmulas para a produção de medicamentos). Deste modo, este é um contributo para a história da farmácia, que começa com a publicação da *Pharmacopeia Lusitana* (1704) de D. Caetano de Santo António e passa pela *Pharmacopeia Geral* (1794), a primeira farmacopeia oficial portuguesa. Mas é também um contributo para a história da medicina e a história da ciência, através da qual se assiste a uma crescente preocupação por parte do Estado na preservação da saúde pública e privada.

Por fim, Vítor Bonifácio oferece-nos o estudo “Um modelo para a *Biblioteca do Povo e das Escolas: A Biblioteca del Popolo*”, um estudo de caso sobre uma publicação periódica com grande impacto no mercado editorial português, a partir da década de 80 do século XIX, que durou até 1913. Uma publicação com um papel relevante na alfabeti-

zação das classes populares, com largas tiragens, sendo possível a sua aquisição a custos mais acessíveis.

Numa abordagem global, os nove textos compilados tratam de temáticas e perspectivas diversas da história do livro, desde a relação coexistente entre a oralidade e a escrita no mundo antigo, pré-clássico e clássico, passando pela temática do mar no livro infantil na literatura portuguesa, a invenção da imprensa e os seus impactos, até ao estudo de livreiros (como João Fernandes, na Lisboa quinhentista, e, de certo modo, António Isidoro da Fonseca) e do livro antigo científico (de ciências exatas, medicina e farmácias). Acrescente-se o testemunho da experiência de um livreiro e bibliófilo, Pedro de Azevedo, sobre uma peritação, análise necessária no seu *métier*, e o estudo de caso da coleção *Biblioteca do Povo e das Escolas*. Assim, os estudos do presente volume versam sobre temas diversos da história do livro e da edição, num diálogo interdisciplinar entre a ciência da informação, e mais especificamente a biblioteconomia, a história (a história da ciência, da medicina, da farmacopeia e do livro e da edição, etc.), a literatura e a codicologia, com uma amplitude cronológica, desde a antiguidade pré-clássica à atualidade.

No seu conjunto, os estudos respondem a questões e, como é desejável, levantam novas questões, objetando o propósito dos editores do livro, isto é, “de estimular a investigação e a divulgação científica na área da História do Livro e da Edição”. Deste modo, o livro é oportuno e de elevado interesse, contribuindo para um melhor conhecimento sobre a história do livro, na Península Ibérica, hoje possível graças a renovados estudos, num campo de investigação em que é escasso o número de autores, mas também graças ao projeto *Iberian Books*, disponível em <https://iberian.ucd.ie/index.php>, que permite a identificação dos títulos publicados nos dois países ou sobre os mesmos, facilitando o acesso à informação relativamente ao livro antigo, em termos de produção, edição, incluindo o número de exemplares conhecidos, circulação e uso, entre 1472 e 1700. Um livro que, procurando manter a identidade do impresso, com existência em papel, é igualmente disponibilizado através da plataforma *UC Digitalis*, sendo possível ser descarregado em https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/do_manuscrito_ao_livro_impresso_i, tornando-o universalmente acessível, no cumprimento dos desígnios da ciência aberta.

CARLOS GUARDADO DA SILVA

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

carlosguardado@campus.ul.pt

ROBERTA BERARDI, NICOLETTA BRUNO, LUISA FIZZAROTTI (edd.), *On the track of the books: scribes, libraries and textual transmission*, Berlin / Boston, De Gruyter, 2019 (*Beiträge zur Altertumskunde*, 375). 359 pp. ISBN 978-3-11-062288-1

Em boa hora veio a Walter de Gruyter, a editora alemã especializada em livros académicos, publicar na sua coleção “*Beiträge zur Altertumskunde*” (375) mais um volume de estudos dedicados a três temas relevantes para a história do livro e da cultura durante a Antiguidade e a Idade Média: referimo-nos aos escribas, às bibliotecas e aos manuscritos que ajudaram a preservar até aos nossos dias algumas das mais significativas obras da literatura clássica de expressão grega e latina. O trabalho de edição do livro, que tem desde logo o mérito de nos dar a conhecer algumas das mais recentes tendências no âmbito dos estudos filológicos e históricos, ficou a cargo de R. Berardi, N. Bruno, L. Fizzarotti, três nomes ligados às academias inglesa, alemã e italiana.

O livro intitula-se *On the track of the books: scribes, libraries and textual transmission* e é o resultado de um colóquio que foi organizado pela associação *Prolepsis* em Bari, em 27 e 28 de Outubro de 2016, sob o título *Cupis uolitare per auras: books, libraries and textual transmission from the ancient to the medieval world*. De forma geral, o livro cruza